

A dinamicidade do patrimônio imaterial: reflexões para o ensino de história

Ivan Ramires Carvalho/UFRGS¹

Paulo Sérgio de Souza de Azevedo/UFRGS²

Resumo

As reflexões apresentadas neste trabalho foram, em grande parte, fruto da experiência na disciplina de Estágio de Docência III - Educação Patrimonial do Curso de História da UFRGS e tem o objetivo de abordar o patrimônio imaterial sob uma perspectiva que leve em conta sua dinamicidade, enquanto algo que constantemente é ressignificado por diferentes atores sociais e em contextos históricos diversos. Este viés rompe com a noção de um patrimônio estático, determinado pela sua "origem" e que conservaria uma suposta "essência". A partir do estudo de diferentes produções culturais (como filmes, dança e festas) buscamos refletir acerca do caráter dinâmico dos bens patrimoniais, com destaque para dois patrimônios culturais brasileiros: a Capoeira e a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. Propõe-se trabalhar a temática do patrimônio imaterial em sala de aula, compreendendo a historicidade das manifestações culturais, que podem revelar importantes aspectos concernentes a setores sociais importantes na formação da sociedade brasileira, como os afrodescendentes. Com isso, o estudo aponta a importância do conhecimento histórico no entendimento dos significados e usos das produções culturais.

Palavras-chave: Patrimônio imaterial, Dinamicidade, Apropriação, Ensino de História.

Abstract

The reflections presented in this paper were in large part the result of experience in the discipline of teaching stage III - Heritage Education of the Course of History UFRGS and has as objective to address the intangible heritage from a perspective that takes into account their dynamicity, as something that is constantly resignified by different social actors and in different historical contexts. This bias breaks with the notion of a static asset, determined by its "origin" and that would preserve a supposed "essence." From the study of different cultural productions (such as movies, dances and parties) we reflect about dynamic character of the property, with emphasis on two Brazilian cultural heritages: the Capoeira and the Feast of the Divine Holy Spirit of Pirenópolis. It is proposed to work the theme of intangible heritage in the classroom, comprising the historicity of cultural events, which can reveal important aspects concerning social sectors important to the formation of Brazilian society, as afro-descendants. Thus, the study shows the importance of historical knowledge in understanding the meanings and uses of cultural productions.

Keywords: Heritage immaterial, Dynamicity, Appropriation, Teaching of History.

Imagine o seguinte: Um Escritor vai divulgar seu livro na Toscana, na Itália. Sua produção escrita, intitulada *Cópia Fiel*, discute que uma cópia de uma obra de arte é tão original quanto o seu modelo e não meramente uma imitação. E por quê? O argumento é de que um objeto só passa a ter importância quando um grupo de pessoas passa a dar significado para este, para uma ideia. Se um artista cria uma obra de arte ela pode ser ignorada por vários motivos, mas caso ela seja aclamada como um objeto importante a relação objeto/ideia e grupo de indivíduos se torna diferente. Para ilustrar melhor esse argumento vamos usar *La Bella Principessa*, um retrato de uma moça do período do renascimento chamada Bianca Sforza. Essa obra,

quando foi apresentada ao mundo, em 1998, foi vendida em um leilão por 21.850 dólares, mas após se ter a suspeita de que o quadro seria de Leonardo DaVinci ela poderia passar a custar 100 milhões. Ora, uma pintura feita de tinta e papel não deveria ter o preço que teve no leilão por não ser indispensável à vida e muito menos valer 100 milhões... Isso só demonstra que o valor de determinada obra ou bem é dado pelas pessoas e não por sua importância como objeto indispensável à vida³. Voltando ao filme, após a sua palestra o escritor (James Miller) sai com a dona de uma galeria (Elle) que o hospeda para tomar um café e lá na cafeteria são vistos como um casal e ambos passam a fingir que de fato são cônjuges. E de repente eles se tornam de fato um casal com seus dramas, acusações e amor pelo outro, servindo como uma alegoria para a ideia do próprio escritor de que os objetos e ideias passam a ter importância e significado reais quando as pessoas passam a se identificar com estes.

Essa breve introdução usando a trama do filme *Cópia Fiel* (Copie Conforme, 2010)⁴ serve como uma perfeita alegoria e introdução para as questões que serão trabalhadas nesse artigo: o que é um patrimônio imaterial, as ideias vinculadas a ele ("origem" e dinamicidade) e seus problemas. Para tratar desse assunto serão usadas como base duas expressões culturais; a Capoeira e a Festa do divino Espírito Santo de Pirenópolis, buscando se desnaturalizar a ideia de preservação do patrimônio. E, finalmente, discutir como este pode ser problematizado nas aulas de História, especialmente. Entretanto, antes é necessário definir o que é patrimônio, e explicar o que é o patrimônio imaterial, explicitando ainda alguns critérios utilizados no reconhecimento deste, aspectos que serão trabalhados no próximo tópico.

Patrimônio Imaterial?

O IPHAN convencionou denominar de patrimônio imaterial os lugares, saberes, formas de expressão e as celebrações de expressões culturais que um grupo de indivíduos preserva pelos significados que possui na vida destes, como, por exemplo: as festas populares, danças, lendas, músicas, costumes e outras tradições. Cabe aqui relatar que, devido às especificidades que possui o imaterial, é necessário um cuidado diferente, já que não se tenta mantê-lo estático e sim registrá-lo ao longo do tempo. No âmbito brasileiro, o registro de bens imateriais segundo o decreto nº 3.551/2000⁵ passa pelas seguintes fases: o envio do pedido de inscrição em um dos livros de registro para o Presidente do IPHAN seja pelo Ministro da Cultura, instituições vinculadas ao Ministério da Cultura, secretarias do Estado, do Município e do Distrito Federal, sociedades e associações civis. Após a aprovação do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural inicia-se o processo de registro, que será instruído pelo IPHAN.

A primeira questão que pode surgir ao nos depararmos com tal definição é a de separar imediatamente em duas categorias opostas, o que é um erro. Tanto o

patrimônio material como o imaterial não podem existir em apenas um plano: um prédio só se torna um patrimônio graças à importância e significados que um grupo de indivíduos lhe atribui, assim como festas e danças necessitam que pessoas as pratiquem para que possam deixar de ser apenas ideia. Chegando a conclusão de que "ambos" os tipos de patrimônio necessitam dos dois planos, do material e do imaterial, pode-se concluir que a separação é equivocada e que se pode entendê-los como patrimônio apenas.

Então, por qual viés devemos analisar o patrimônio? Apenas a partir das políticas dos órgãos governamentais que protegem com o tombamento (material) ou o registro (imaterial)? Mas e os significados que cada um constrói? Esses questionamentos servem para entendermos o ensino de história como instrumento para pensarmos além da ideia de "é preciso preservar", já que este pode nos dar os subsídios necessários para analisarmos de maneira mais adequada o patrimônio e problematizá-lo. Com perguntas como por que existe a Capoeira? E por qual motivo? Que grupo social a praticava? Quando surgem os primeiros registros? Qual o seu significado? Como ela foi vista e ressignificada pelo tempo na história do país? Com todos esses questionamentos é possível no ensino de história se trabalhar e problematizar conceitos e períodos diversificados na história do Brasil, abordando aspectos importantes como aqueles, por exemplo, relacionados com a herança africana e indígena. Além disso, o patrimônio e as questões que permeiam a sua discussão podem se relacionar não apenas com a pesquisa, mas também com o ensino de História. E nessa discussão encontramos questões que dizem respeito sobre a quem servem as escolhas patrimoniais, e ainda se não seria melhor que alguns aspectos do patrimônio fossem vinculados ao currículo do ensino, além da problematização da noção que confere "origens" a determinado bem patrimonial, quando se sabe que este é dinâmico assim como a sociedade em que está inserido, sendo constantemente ressignificado pelos indivíduos que se relacionam com ele.

A dinamicidade do Patrimônio Imaterial: pensando além da noção de origem

Discutida a questão do que se pode entender como patrimônio, como analisá-lo e dar-lhe a importância devida é necessário citar a ideia recorrente de "origem"⁶, que remeteria para o contexto onde foi produzido determinado saber ou manifestação passíveis de serem preservados. Essa noção é, muitas vezes, complementada pelo que comumente se denomina de essência⁷, algo que determinado bem cultural conservaria de maneira imutável através do tempo.

Em um artigo de José Reginaldo Gonçalves⁸, temos elementos importantes para pensar a ampliação das reflexões acerca dos bens patrimoniais. Nessa produção acadêmica, o autor menciona algumas contribuições fornecidas pela

antropologia, destacando “a ênfase nas relações sociais ou mesmo nas relações simbólicas, mas não nos objetos e nas técnicas”, reforçando a concepção a qual são os valores atribuídos⁹ pelos indivíduos e estes responsáveis por conferir importância ao patrimônio, que ficaria desprovido de sentido sem esta valoração social. Os significados para a compreensão dessa questão vão muito além do comumente apregoado na maioria dos trabalhos envolvendo o patrimônio. Gonçalves (2003) aborda que uma mesma manifestação cultural pode ser interpretada de maneira distinta inclusive por membros de um mesmo grupo. Nesta perspectiva, poderíamos exemplificar através da seguinte situação: se para um acadêmico esta manifestação pode ser vista como a representação de uma identidade, por exemplo, para um praticante de determinada dança ou participante de uma festa registrada como patrimônio pode ser meramente uma forma de socialização, ou ainda simplesmente trazer lembranças de pessoas distantes ou que já faleceram e ensinaram a cultivar aquela forma de expressão cultural. Gonçalves complementa sua argumentação desenvolvendo a ideia de que “esses diversos significados não se excluem. As mesmas pessoas podem operar ora com um, ora com outro significado (...)”¹⁰. Estas reflexões servem de suporte para o desenvolvimento da noção de patrimônio imaterial como algo dinâmico, que serve como fio condutor para este artigo.

A dinamicidade é algo inerente ao patrimônio imaterial, basta observarmos a trajetória de inúmeras festas, rituais, danças e saberes para logo percebermos a grande dificuldade em “desvendar” a suposta “origem” destas produções culturais, e até mesmo quais grupos sociais estiveram intimamente ligados a estas manifestações.

A utilização de alguns exemplos ajuda na compreensão das dificuldades de se abordar essa questão, como é o caso do tango, declarado patrimônio da humanidade¹¹. Esta manifestação artística, nos dias de hoje, está intimamente ligada à identidade nacional argentina, servindo inclusive como forte atrativo turístico, caracterizando-se ainda pela elegância dos dançarinos, dos músicos e dos demais envolvidos, e pelo apreço das elites. No entanto, um estudo de Heloísa Duarte Valente¹² acerca da história da dança permite-nos constatar que no contexto do final do século XIX este patrimônio cultural, diferentemente dos dias de hoje, era bastante praticado em prostíbulos, não sendo bem visto pelos grupos sociais mais abastados economicamente. Este gênero musical se espalhou no início do século XX e fez sucesso em países da Europa, como França, Alemanha e Finlândia, ganhando a atenção de “músicos de formação”¹³ a partir da década de 1940, momento em que são compostas obras de maior complexidade, fatores que provavelmente contribuíram para um maior apreço das elites pelo tango.

A própria vinculação com determinada localidade, com certa comunidade, também deve ser pensada com cautela, como algo construído historicamente, ressignificado. Uma observação importante para podermos debater o patrimônio é

o fato básico, porém ignorado normalmente, de que este só passa a ter relevância, se torna um patrimônio, devido à importância que um grupo dá para determinada ideia. Como exemplo para tal situação, temos a construção da imagem de Tiradentes, que de rebelde do Império brasileiro se transforma em um herói no período da República, em um mártir com características que remetem a iconografia relacionada a Cristo (cabelos compridos e barbudo, sendo que ele era um militar...). Essa ideia originária do grupo governante, que necessitava da recriação do imaginário nacional e de heróis, ganhou relevância e importância graças ao ensino nas escolas, que passavam a representação arquitetada pelo grupo republicano assim como a arte que reforçou essa ideia, e dessa maneira Tiradentes transformou-se em um herói, um mártir da causa republicana sendo associado iconograficamente a Cristo.

Outro aspecto que não pode ser renegado é a forma em si de que uma prática é feita por grupos distintos e em diferentes momentos, e um exemplo é a representação de peças de teatro de um mesmo autor, como mostra Lawrence W. Levine em *Highbrow-Lowbrow*, que é usado como exemplo por Chartier em seu artigo "O mundo como representação"¹⁴. As peças de Shakespeare eram apresentadas de uma forma diferente na América misturando diferentes formas de espetáculo como o circo, ballet e outras, e essa nova forma de apresentar a peça teve o efeito de trazer um público maior e mais ruidoso, diferente daquele da Europa. Se apenas a forma é capaz de mudar a maneira como o grupo se comporta diante de tal prática social (uma peça de teatro) e que grupos se sentem atraídos por esta, conseqüentemente isso tem impacto no patrimônio imaterial, pois existe uma influência de mão dupla: a ideia influencia o grupo, mas este também se deixa influenciar de uma maneira própria, moldando a ideia original. Importante para o entendimento desta questão envolvendo o patrimônio e sua dinamicidade é a utilização do conceito de apropriação, que sob o viés de Roger Chartier pode ser compreendido em termos da sua articulação com as noções de representação e práticas culturais¹⁵. A apropriação que determinados grupos sociais fazem de certas produções culturais sempre implica na seleção e no realce de alguns aspectos, ao mesmo tempo em que outros elementos ficam obscurecidos. Desta forma, entende-se que as manifestações culturais humanas, com enfoque neste trabalho para o patrimônio imaterial, são constantemente recriadas e ressignificadas, sendo representadas de acordo com os interesses de setores sociais mais influentes, onde não devemos incorrer no erro de considerar apenas a influência econômica, mas também a cultural, política, entre outras. Neste processo percebemos inúmeras vezes uma transformação considerável no sentido pretensamente "original" atribuído a uma prática cultural pelos grupos sociais que com ela estão intimamente ligados. Outro exemplo claro de tal situação é o sincretismo religioso ocorrido na América, que na tentativa de unificar culturalmente essa nova sociedade que surgia impôs a religião católica aos povos dominados. No entanto, os nativos americanos apropriaram-se do catolicismo de uma forma própria e mesclaram elementos de sua religião com a católica.

Percebemos, neste caso, a força que possuem as imagens produzidas acerca do passado, que conta, em muitos casos atualmente, com o apoio de empresas midiáticas para o reforço de uma visão de mundo de determinado grupo que passa a ser tomada como de toda uma sociedade e que, além disso, acaba sendo naturalizada, como se fosse algo imutável, que sempre se manifestou de certa maneira, portanto estático, não passível de modificações, criando uma memória “estática” e “hegemônica”. Em outro filme, *Rebobine, Por Favor (Be Kind Rewind, 2008)*¹⁶ temos debatidas algumas das questões que permeiam essa discussão, como apropriações, memória e lutas pela visão hegemônica. Nesse filme, temos a história de dois funcionários que trabalham em uma locadora de VHS e por acidente apagam todas as fitas. Apavorados, eles tem uma ideia: refazer os filmes eles próprios (e o fazem com apenas sua memória) e esperar que ninguém repare ou reclame. É óbvio que os filmes “suecados” (gíria do próprio filme) são notados pelos clientes, que, ao invés de detestarem, adoram essa apropriação e recriação dos filmes. Futuramente a locadora entra em conflito com a empresa detentora dos direitos das produções cinematográficas, que se recusa a aceitar a apropriação de seus filmes sem que sejam pagas as taxas pelos direitos autorais (uma barreira que impede a livre apropriação e uso pela população), ou seja, apenas a versão da empresa deveria ser aceita.

Além dos questionamentos levantados, os exemplos mencionados nos parágrafos anteriores servem para não perdermos de vista as disputas presentes quando abordamos o patrimônio. O registro de determinados bens patrimoniais diz respeito não apenas aos aspectos de uma manifestação que serão conservados, enquanto outros ficarão de fora, mas também trata dos grupos sociais que determinado patrimônio representará supostamente. Na forma de discursos construídos, carregados de intencionalidade, cada grupo visa legitimar sua relação com determinado festejo ou qualquer outra forma de manifestação cultural que se almeja transformar em patrimônio consagrado, a fim de usufruir das vantagens que isso possa trazer. Como Chartier aborda:

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas¹⁷.

No que diz respeito a estas questões que se relacionam diretamente com a dinamicidade do patrimônio cultural imaterial, cabe um registro para o fato das discussões interligadas com a desnaturalização das produções culturais humanas estarem presentes nos debates historiográficos, mas possuírem ainda pouca

ressonância no tratamento do patrimônio, em que a atuação do historiador, tanto no âmbito da pesquisa quanto na esfera educacional, poderia ser mais efetiva – até por ser este um profissional intimamente relacionado com o tratamento dado ao passado e à memória – selecionada, produzida e ressignificada por alguns grupos sociais, de acordo com determinadas motivações. O vínculo que pode ser estabelecido entre estas questões inerentes ao discurso da História, enquanto disciplina, e a prática educacional tem o objetivo de interrogar os alunos acerca de situações que, por vezes, não são debatidas e parecem naturalizadas, e, portanto imutáveis. Acreditamos ser pertinente debater as escolhas que tornam a Capoeira e a Festa do Divino, por exemplo, patrimônios consagrados e, desta forma, representativos de uma suposta identidade nacional brasileira, em detrimento de tantas outras manifestações culturais não consagradas. Este exercício permite aos estudantes, e também aos educadores, perceber o caráter de seletividade inerente ao patrimônio, apesar da pretensão de representar o “todo” de uma comunidade, localidade ou mesmo de uma nação. A Capoeira ou a Festa do Divino, que serão trabalhadas mais detalhadamente na segunda parte deste artigo, foram registradas como “patrimônio imaterial brasileiro”, embora nem todos os brasileiros se identifiquem com estas práticas culturais. Além disso, o patrimônio imaterial, na sua relação com a pesquisa e o ensino, permite a abordagem da historicidade que as manifestações culturais carregam consigo, onde podemos através do estudo da trajetória de um determinado festejo identificar que este era visto de forma diferente dos dias de hoje em outro contexto histórico, algo que possibilita uma melhor compreensão de importantes aspectos da História do Brasil ou História Geral em outros períodos, como veremos mais adiante, mediante a análise mais detida da Capoeira e da Festa do Divino Espírito Santo.

A Festa do Divino e a Capoeira: dois objetos de estudo para a análise do patrimônio imaterial

As manifestações que serão trabalhadas mais detidamente nesse segundo momento são a Capoeira, registrada como patrimônio cultural do Brasil em 2008¹⁸, e a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, que teve seu registro como patrimônio imaterial brasileiro em 2010¹⁹. Mas o que são essas manifestações e quais os aspectos de sua trajetória podem ser trabalhados para pensarmos o patrimônio de um modo mais rico?

Segundo o dossiê do IPHAN (2010), as Festas do Divino Espírito Santo são associadas a antiquíssimos festejos realizados em períodos de colheita, como instrumentos de coleta e distribuição de víveres e donativos em épocas de fome, e se baseiam na reciprocidade e na solidariedade, bem como nas relações de parentesco e vizinhança, que se organizam em grandes mutirões.

Uma das versões mais divulgadas sobre a fundação da festa localiza seus primórdios na passagem do século 13 para o 14, instituída pela Rainha Santa Isabel,

esposa de Dom Diniz, o sexto rei de um Portugal em franco conflito com a Igreja Católica. Celebrado cinquenta dias após a Páscoa, no Domingo de Pentecostes, o Espírito Santo – terceira pessoa da Santíssima Trindade – era festejado com banquetes e distribuição de esmolas aos pobres. Neste país, o auge do culto do Espírito Santo coincide com o período mais intenso dos Descobrimentos. Muito popular na Idade Média, espalhou-se pela África portuguesa, pela Índia e pelos arquipélagos da Madeira e dos Açores e ganhou o mundo a bordo das naus portuguesas. Tal como outras festas e tradições populares oriundas da Península Ibérica, a Festa do Divino Espírito Santo desempenhou aqui um importante papel na mediação entre as culturas que se confrontavam durante o período colonial e, conseqüentemente, na conformação dos padrões sociais locais²⁰.

Já a Capoeira, da mesma forma que a Festa do Divino, é compreendida neste trabalho em termos de seu valor histórico, onde se deve levar em conta não apenas a forte influência dos escravos africanos que vieram para o Brasil e a possibilidade da presença de elementos indígenas (como o próprio nome), mas também o fato de ser caracterizada pela “sua multidimensionalidade – é ao mesmo tempo dança, luta e jogo” (DOSSIÊ IPHAN, 2007). Uma das versões que tratam dos “mitos de origem” da capoeira afere que esta nasceu na África central e foi trazida de maneira integral para o Brasil, enquanto outra aponta para a possibilidade de ter sido um jogo criado por indígenas. Por último, existe ainda uma hipótese, que considera esta manifestação um legado dos escravos quilombolas.

A análise da Festa do Divino e da Capoeira, assim como outros exemplos que apareceram ao longo deste artigo, serve de substrato para abordarmos os problemas que envolvem a utilização da noção de origem. A compreensão do patrimônio imaterial sob esta perspectiva acarreta não apenas os problemas para “descobrirmos” onde e quando estas manifestações culturais surgiram, mas também engloba as dificuldades de se determinar quais eram os usos e os significados atribuídos pelos grupos sociais responsáveis por fundar estas práticas culturais em determinado contexto histórico. Mais adequado é encarar os indivíduos como personagens ativos e responsáveis, portanto, por constantemente ressignificarem e transformarem o patrimônio com o qual se relacionam. Estas reflexões podem ser complementadas pela perspectiva da “preservação” de determinado patrimônio, que remete para a noção de essência, de algo que mantém suas características através dos tempos, ideia extremamente problemática se levarmos em conta o fato de qualquer que seja o festejo, modo de fazer ou outra prática cultural, possuir como característica marcante a dinamicidade resultante de seu contato com uma parcela da sociedade em um contexto histórico específico.

Na Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis, uma parte dos festejos, que denominamos de cavalhadas, se relaciona com o momento que representa a luta entre cristãos e mouros e a vitória da religião cristã sobre a religião islâmica. Pois bem, essa parte dos festejos não tinha a importância que tem hoje até a década de 60, quando por motivos econômicos (turismo) e pela criação de uma identidade própria de Pirenópolis vai se incentivar as cavalhadas, apesar de ainda ser o imperador²¹ quem decide se haverá cavalhada ou não. Se em um período curto de 50 anos se tem uma mudança no festejo, se pode aferir então as mudanças que podem ter ocorrido desde o período colonial até 1960, o que demonstra a fragilidade do conceito de "origem" e reitera a importância de se destacar a dinamicidade, pois segundo esse conceito teríamos que a manifestação do período colonial é uma e a da década de 60 é outra completamente diferente, por isso a importância do registro feito pelo IPHAN, que acompanha as mudanças na manifestação cultural. Estas transformações podem ocorrer devido a influências como a econômica, política, ou ainda a interferência de novas formas de pensamento, como o fato de que as mulheres estão conquistando espaço na sociedade, uma explicação plausível para a possibilidade de que cargos antes masculinos na festa passem a ser ocupados por mulheres e cargos femininos por homens²².

Historicamente podemos perceber que a manifestação cultural de Pirenópolis²³ passou por algumas alterações importantes na sua forma, influenciada pelas mudanças que afetavam a sua comunidade. No primeiro registro histórico da sua realização percebe-se que ela está inserida no período em que a família real estava no Brasil, momento em que houve ainda uma grande intensificação para que os festejos populares passassem a ser cerimônias públicas para homenagear o Estado, o que demonstra uma influência do laico sobre o religioso. Existe a questão de que Meya Ponte, por sua localização geográfica, estaria no cruzamento de vários caminhos coloniais por onde passavam mercadorias, ilustres viajantes, ideias e bens culturais e que devido ao trânsito desses bens permitia a realização de manifestações culturais. Com o desenvolvimento de outras áreas as rotas de comércio vão se afastando de Meya Ponte, que em 1890, em uma tentativa de superar suas dificuldades econômicas, muda o nome para Pirenópolis e devido à continuidade de sua estagnação se volta para si e para seus festejos. Em 1930, com a fundação de Goiânia e a consolidação de outros polos econômicos, a cidade passa a fornecer além de gado, quartzito, o que ajuda a localidade a se recuperar. Já em 1980, se tem o esforço por parte de agências de turismo goianas em construir uma identidade regional que projetasse Pirenópolis nacionalmente, além, é claro, das ações de preservação do patrimônio cultural promovidas pelo IPHAN. É interessante perceber pela história da cidade, que se mescla a do festejo, todas essas influências sobre a festa em questão, o que permite a reflexão para desnaturalizar a prática social devido a áreas como a política e a econômica influenciarem o modo de fazer e os sentidos da Festa do Divino Espírito Santo.

Percebe-se que mudanças ocorrem também por intermédio de influências externas, além das internas da própria comunidade, e levanta a questão que o grupo social que pratica a festa não é monopolizador do patrimônio devido ao fato de outras questões, como a econômica, entram em choque com a questão da identidade como é mostrado no dossiê do IPHAN da festa de Pirenópolis.

A Capoeira também sofreu transformações ao longo do tempo, especialmente aquelas relacionadas com a forma como era encarada socialmente. No contexto da proclamação da República e da recém abolição da escravatura, por volta de 1890, passou a ser criminalizada e teve sua prática em locais públicos proibida, de acordo com o código penal brasileiro. Entretanto, mesmo neste momento histórico do Brasil, vale ressaltar que em Salvador, por exemplo, não houve essa criminalização²⁴ da prática, que continuou fazendo parte da vida social de uma parcela da comunidade. Somente por volta da década dos anos 1920, que temos uma perseguição mais sistemática aos praticantes do “jogo” capoeira na capital baiana, assim como ocorreu com os indivíduos que se relacionavam com outras práticas interligadas a uma identidade afrodescendente.

O estudo de alguns elementos relacionados com a trajetória da Capoeira, além de instrumento para compreendermos transformações sofridas por esta manifestação cultural, nos permite identificar importantes aspectos acerca das relações sociais processadas na sociedade brasileira em diferentes contextos históricos. Relevante, nesse caso, é pensarmos num momento da História do Brasil de transição entre o modelo monárquico e a República²⁵, em que mesmo com o final do tráfico de escravos, em 1850, e a posterior abolição da escravatura, em 1888, as manifestações de afrodescendentes não eram vistas com bons olhos pelas autoridades. Para além destas circunstâncias, deve se levar em conta que os maltas, como eram chamados os grupos de capoeiras, se consolidavam como ameaças ao ideal de ordem, o que motivou as duras perseguições aos praticantes desta prática cultural. O dossiê (2007) de registro da Capoeira nos traz informações que dizem respeito ao fato de na capital carioca, por exemplo, muitos dos maltas serem “conhecidos por desafiam a ordem policial, hostilizarem a população, provocarem brigas e correrias, marcadas por cabeçadas, rasteiras e navalhadas” (DOSSIÊ IPHAN, 2007, p. 15).

Numa comparação que nos possibilita identificar transformações ocorridas na sociedade brasileira, temos a constatação de que essa imagem da Roda de Capoeira vista como um lugar para “vadios” é extremamente contrastante com o que verificamos nos dias de hoje, onde essa manifestação é utilizada inclusive como recurso para “capturar” jovens muitas vezes excluídos socialmente. Nesse ponto, a escola se consolida como espaço importante dentro da estratégia de inclusão de indivíduos à margem da sociedade, onde percebemos em algumas dessas instituições educacionais, nos currículos escolares, a presença da capoeira, geralmente aplicada

nas aulas de educação física, mas que ainda poderia ser explorada de maneira mais ampla pelos educadores vinculados à área de História, através da abordagem de questões diferentes daquelas relacionadas com a perspectiva do esporte ou da dança. A Capoeira pode ser pensada historicamente, onde os alunos seriam instigados pelos educadores a se dar conta de que aquela prática cultural que é tratada por eles, muitas vezes, como um espaço de socialização, em outro momento histórico foi encarada como crime pelas autoridades. Desta forma, o estudo desta manifestação pode servir como instrumento de ensino para relativizar e desnaturalizar os hábitos sociais e a maneira como estes são vistos, levando em conta que uma prática considerada ato de transgressão da lei em uma época pode não ser em outro contexto histórico e até adquirir uma valoração positiva frente à sociedade.

Com relação à análise de alguns aspectos da história da Capoeira, outro ponto que pode ser trabalhado no ensino diz respeito à figura do negro, intimamente atrelado a esta manifestação cultural, e seu lugar na sociedade brasileira em diferentes contextos. Se nos dias de hoje, o preconceito ainda se faz muito presente no Brasil, no momento histórico de transição entre o modelo monárquico e a República, quando estavam em voga muitas ideias de caráter evolucionista, o projeto de construção de uma nação "civilizada" incluía a necessidade de um "branqueamento" da sociedade, onde os negros, juntamente com as práticas a eles associadas (religiosidade, festas, hábitos, etc.), eram vistos como empecilhos para o progresso. A Capoeira, por exemplo, chegou a ser encarada neste período como uma "doença moral"²⁶, supostamente responsável por degenerar a população, situação que se altera nas primeiras décadas do século 20, quando gradativamente o caráter de miscigenação inerente à sociedade brasileira passa a ser valorizado por uma parcela do meio intelectual e a prática cultural em enfoque adquire, aos poucos, o status de esporte nacional²⁷, cujo exercício poderia se estender a todo o país.

Para além da valoração positiva que a Capoeira possui de um modo geral atualmente, pode-se pensar também nas continuidades e descontinuidades presentes no tratamento social conferido ao negro e às práticas culturais a ele associadas. Relevante, nessa perspectiva, é perceber quais aspectos que faziam parte do discurso racista do final do século XVIII e ainda estão presentes na fala de uma parcela considerável da sociedade brasileira, sobretudo aqueles elementos que dizem respeito à suposta "inferioridade" da "raça" negra, sem falar no preconceito que os praticantes de religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, ainda sofrem nos dias de hoje.

Outra questão que pode ser abordada envolvendo o ensino de História é a possibilidade de uma prática educacional interdisciplinar. Para isso ocorrer o ideal é atrelar o patrimônio e a educação, sendo ele fonte de estudo em sala de aula. É interessante perceber que as manifestações culturais, de um modo geral, por suas características multidimensionais, como é o caso da Capoeira (dança, esporte e

jogo), permitem esse trabalho envolvendo diferentes disciplinas, aparentemente sem ligação. Os educadores de três áreas do conhecimento, como a história, a arte e a sociologia podem levantar questões referentes aos seus devidos campos. Um dos exemplos já citados, a Festa do Divino Espírito Santo, pode ser utilizada pelo professor de história para debater temas como a reconquista da península ibérica, ao analisar as cavalhadas, as heresias que aconteciam na Europa, e que a Igreja católica apostólica romana combatia para evitar ter sua supremacia ameaçada, e ainda a expansão marítima.

Seguindo essa linha de raciocínio é possível pensar em um ensino que leve ainda em conta os múltiplos aspectos que envolvem as práticas culturais aqui abordadas, sem esquecer que os diversificados significados que são conferidos pelos indivíduos a essas manifestações não devem ser pensados de maneira isolada, sobretudo pelo fato de uma mesma pessoa poder operar com significados diversos²⁸. Uma Roda de Capoeira ou uma festa religiosa como a do Divino Espírito Santo pode ter para um praticante o valor de um momento de sociabilidade, ao mesmo tempo em que pode se constituir em base para um estudo antropológico, ou ainda servir de "culto à tradição" ²⁹.

Como já referido anteriormente as manifestações culturais têm, portanto, muitos sentidos, dados pelos grupos e indivíduos. Se para um indivíduo a Capoeira é uma dança, para um professor de história poderá ter um sentido completamente diferente, possivelmente analítico e acadêmico relacionando a história do Brasil colonial/imperial e a resistência, assim como para quem pratica pode ser um momento de sociabilidade. E essa faceta do patrimônio nem sempre fica clara para um observador que prefere prestar atenção na simbologia de cada ato e objeto ou na relação história e sociedade, sendo que ela é a mais importante para a apreensão de determinada manifestação. Sem essa sociabilidade não haveria a própria ideia, a "mão dupla" da influência dela nos indivíduos e dos indivíduos nela, já que ela só pode se constituir como manifestação se existir pessoas prontas a consagrá-la. Essa reflexão remete para o conceito de apropriação, sob o viés de Chartier, que serve para percebermos o papel dos indivíduos no processo de constante ressignificação das manifestações culturais, as quais, por sua vez, também influenciam os próprios indivíduos que se relacionam com estas práticas, modificando formas de pensar e hábitos sociais. Essa noção contribui para a análise do patrimônio imaterial, um dos eixos centrais deste artigo, na medida em que permite pensarmos na dinamicidade inerente a qualquer produção cultural humana.

O artigo desenvolvido serviu para produzir alguns questionamentos que parecem estar pouco presentes na maioria dos trabalhos que abordam o patrimônio imaterial. As reflexões anunciadas sobre a Capoeira e a Festa do Divino Espírito Santo contribuíram, juntamente com outros exemplos (caso do tango e dos filmes trabalhados na primeira parte), para problematizar a perspectiva de que o patrimônio

deve ser visto em termos da sua dinamicidade, das alterações que este sofre em diferentes contextos históricos, e também dos grupos sociais que se relacionam com determinadas manifestações. Buscamos pensar de forma mais plural os bens culturais, além de refletirmos acerca da necessidade de construção de um ensino que não relacione diretamente o patrimônio com a preservação, mas que leve em conta, no ambiente de sala de aula, os múltiplos significados que os indivíduos conferem a um festejo, a um modo de fazer algo, como forma de discutir com os alunos os motivos que levam a determinado bem patrimonial ser consagrado, em detrimento de outro que acaba ficando obscurecido. Estes aspectos permitem colocar em prática um dos objetivos do ensino de História, a desnaturalização das produções culturais humanas, que serve de instrumento para rompermos com a ideia de que algumas práticas podem ser mantidas na sua integridade, na sua forma "original", noção que desconsidera as interferências das transformações sociais, ocorridas ao longo do tempo, sob o patrimônio. Esta percepção que confere a "imutabilidade" para algumas práticas culturais, muitas vezes, permite a certos grupos sociais a manutenção de posições sociais, políticas, econômicas ou culturais. Desta forma, cabe dizer, por último, que os argumentos aqui apresentados serviram bem mais de esboço para sustentar uma proposta de problematização, questionando determinadas percepções presentes no ensino que tratam o patrimônio imaterial de maneira cristalizada, estática.

Referências Bibliográficas

- CASTRO, Maurício Barros de. Na roda de capoeira. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2008. Disponível em: http://www.angolangolo.com/textos/na_roda_de_capoeira_mbc.pdf. Acesso em 3 de janeiro de 2012.
- DOSSIÊ IPHAN. Inventário da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil. Brasília, 2007. Disponível em: www.iphan.gov.br/. Acesso em 8 de janeiro de 2012.
- _____. Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis. Brasília, 2010. Disponível em: www.iphan.gov.br/. Acesso em 3 de janeiro de 2012.
- CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.
- _____. O mundo como representação. Estud. av. vol.5 n.11, São Paulo Jan/Abr. 1991. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000100010&script=sci_arttext. Acesso em 3 de janeiro de 2012.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. Boletim Políticas Sociais – acompanhamento e análise, Brasília, n.2, p.111-120. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_02/referencia.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2012.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP& A, 2003. Disponível em: http://www.proppi.uff.br/turismo/sites/default/files/mp_21_29.pdf. Acesso em 3 de fevereiro de 2012.
- REIS, Leticia Vidor de Sousa. A capoeira: de "doença moral" à "gymnástica nacional". Rev. hist., São Paulo, n. 129-131, 1994.
- Disponível em: http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-83091994000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 08 de fevereiro de 2012.
- VALENTE, Heloísa de A. D. 'A media luz': alguns tons para uma escuta clariaudiente do tango brasileiro".

In: Actas del IV Congreso Latinoamericano IASPM. 2002. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/iaspm/mexico/articulos/Duarte.pdf>. Acesso em 5 de janeiro de 2011.

Notas

- 1 Licenciado em História Endereço eletrônico: ivaneltroll@gmail.com.
- 2 Licenciado em História Endereço eletrônico: ps170307@gmail.com.
- 3 O indispensável referido são os bens básicos necessários à manutenção da vida como água, comida, abrigo, bens necessários para continuação da vida no sentido biológico.
- 4 CÓPIA FIEL. Copie Conforme. Direção: Abbas Kiarostami, Produção: Angelo Barbagallo, Charles Gillibert, Marin Karmitz, Nathanaël Karmitz, Abbas Kiarostami. Bélgica/Itália/França. Imovision, 2010, 1 DVD (112 min.), color.
- 5 O decreto é do ano de 2000.
- 6 A noção de origem é utilizada neste texto em termos dos sentidos que determinados grupos sociais atribuem inicialmente a determinado patrimônio cultural. No entanto, cabe ressaltar que não é de maneira alguma nosso objetivo precisar essa origem, mas sim demonstrar a dinamicidade do patrimônio imaterial, foco deste artigo, e dos significados atribuídos por diferentes grupos sociais em diferentes contextos. Mais interessante que encontrar o sentido original das manifestações culturais que serão abordadas é verificar que suas referências no tempo presente são, muitas vezes, extremamente dissonantes em uma comparação com os significados atribuídos em outros contextos históricos.
- 7 A ideia de essência é, neste artigo, compreendida como a conservação de determinadas características de um bem patrimonial através dos tempos. Pela proposta do trabalho, esse termo será criticado, de maneira secundária vale ressaltar, através dos argumentos que serão desenvolvidos mais adiante no texto e que darão conta não apenas das transformações na forma como determinadas manifestações culturais são realizadas, mas também no que diz respeito aos significados diversificados atribuídos ao patrimônio. Estes significados variam não apenas em sociedades diversas, mas dentro de um mesmo contexto histórico, em que não podem ser deixados de lado os valores que o patrimônio possui para cada indivíduo, muitas vezes divergente do sentido atribuído por um intelectual ou pelo próprio grupo.
- 8 GONÇALVES, 2003.
- 9 Vale registrar que esta percepção está intimamente ligada com a expressão trabalhada por Maria Cecília Londres Fonseca e denominada "referências culturais". Para uma melhor compreensão ver FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. Boletim Políticas Sociais – acompanhamento e análise, Brasília, n.2, p.111-120. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_02/referencia.pdf. Acesso em 20 de janeiro de 2011.
- 10 GONÇALVES, op. cit., p. 27.
- 11 Ver mais detalhes acerca da repercussão na notícia que trata da declaração, pela UNESCO, do tango (não apenas o praticado em Buenos Aires, mas também o oriundo de Montevideu, no Uruguai) como patrimônio da humanidade. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2009/09/090930_tangopatrimonio_mc.shtml. Acesso em 04 de março de 2012.
- 12 VALENTE, 2002.
- 13 Informações e expressão em destaque presentes na obra de VALENTE, 2002, p. 3.
- 14 CHARTIER, 1989
- 15 Esta articulação é desenvolvida em CHARTIER, 2002.
- 16 REBOBINE, POR FAVOR. Be Kind Rewind. Direção: Michel Gondry. Produção: Michel Gondry. Julie Fong e Georges Bermann. EUA: New Line Cinema, 2008, 1 DVD (102 min.), color.
- 17 CHARTIER, 2002, p.17
- 18 Sobre a repercussão do registro da Capoeira ver a notícia disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=13983&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>. Acesso em 8 de fevereiro de 2011.
- 19 Ver notícia que trata do registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis (GO). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=15055&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>. Acesso em 8 de fevereiro de 2011.
- 20 DOSSIÊ IPHAN, 2010.
- 21 Todo ano é sorteado um novo Imperador que irá ser uma figura central nos festejos. Em dado momento o festejo tem dois Imperadores; o atual e o do próximo ano. DOSSIÊ IPHAN, 2010.

22 Nessa situação é importante explicar que historicamente área de atuação das mulheres foi no campo litúrgico, no coral e orquestras de missas e novenas. A partir do século XX elas começaram a conquistar mais espaços antes masculinos e passam participar da banda Phoenix e dançar a catira na cerimônia de abertura das Cavalhadas. Os homens também passaram a ocupar cargos femininos como o fazer os doces no momento da confecção das verônicas.

23 Minas de Nossa Senhora de Meya Ponte no período colonial.

24 Para ver melhor esta questão da criminalização da capoeira ver CASTRO, 2008, p. 11-12.

25 É importante levar em conta que apesar de as primeiras referências históricas acerca da capoeira datarem somente do final do século XVIII e com maior intensidade no início do século XIX, essa manifestação cultural pode já ter sido praticada nos quilombos, remontando para a época do Brasil Colonial. Nessa linha de pensamento provavelmente ocorreu um deslocamento da capoeira do campo para as cidades, sobretudo as portuárias, como Salvador, Rio de Janeiro e Recife. Para uma melhor compreensão dessa questão, ver REIS, 1994.

26 Expressão utilizada em REIS, 1994, p. 4.

27 REIS, 1994 trabalha com a expressão "gymnastica nacional".

28 Ideia desenvolvida por GONÇALVES, 2003, e exposta de maneira introdutória na primeira parte deste artigo.

29 No contexto em que está colocado entende-se por "culto à tradição" aquilo que para o indivíduo representa uma possível preservação de costumes que faziam parte da vida de seus antepassados.